

O Cristianismo e o Império Romano

AULA 5

Cidadania e escravidão no império romano

Wesley R. Silva

Escola Bíblica de Adultos

Outubro – Novembro 2017

Privilégios e obrigações do cidadão romano

- A cidadania romana no tempo do NT era uma *commodity*.
- À medida que mais e mais províncias ganharam cidadania romana, o seu senso de significado tendeu a diminuir.
- Apesar do seu valor intrínseco, os privilégios do cidadão romano não podem ser comparados aos de um cidadão numa democracia moderna.
- Cidadãos romanos eram tidos em maior apreço e honra que os não-cidadãos, mesmo que fossem de origem escrava.
- Cidadãos romanos tinham proteção especial do estado contra acusações feitas por não-cidadãos e não podiam receber formas extremas de punição.

Privilégios e obrigações do cidadão romano

- Antes do império, cidadãos romanos podiam votar nas eleições para cargos públicos.
- Tinham entrada permitida nos jogos e espetáculos públicos nos teatros.
- Eram isentos de muitos impostos fixos, principalmente nas províncias.
- Mas tinham de pagar os tributos sobre circulação de mercadorias e escravos.
- Somente os cidadãos tinham a plena proteção da lei romana nas transações imobiliárias, contratos legais, casamento e adoção de filhos.
- O casamento entre não-cidadãos não era reconhecido por lei.

Privilégios e obrigações do cidadão romano

- Um cidadão não poderia ser açoitado sem julgamento, ou submetido à tortura e mortes dolorosas, como a crucificação.
- Quando julgado, um cidadão poderia usar do direito de apelar para a corte em Roma (At 25:10-12).
- Até início do segundo século os governadores provinciais submetiam à Roma os cidadãos acusados de certos crimes, mas com o acúmulo de casos, somente os de traição e os especiais (Paulo) eram enviados a Roma.
- Cada classe possuía privilégios e deveres específicos, associados ao seu nível de riqueza e posição na comunidade.
- Por que o apóstolo Paulo aparentemente preferia não declarar sua cidadania romana?

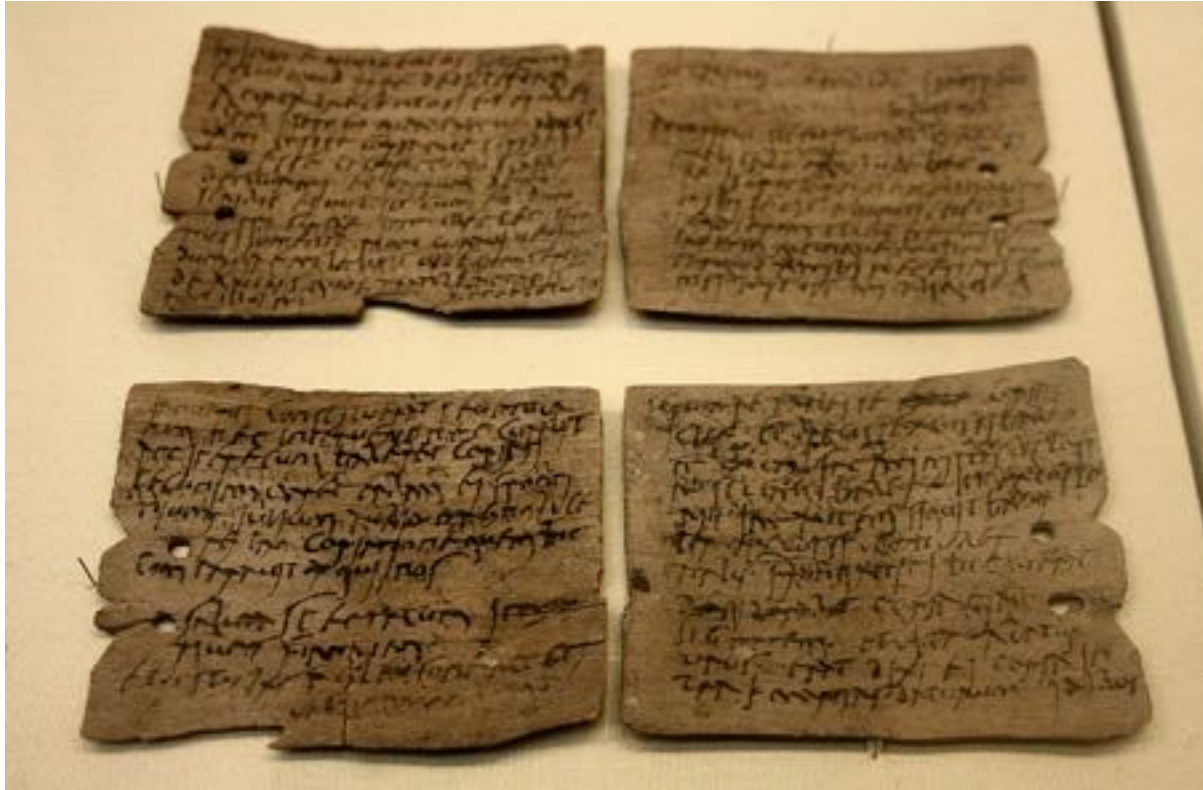
Os passos para a cidadania

- A maneira mais simples e direta era através do nascimento (At 22:28).
- A cidadania poderia também ser concedida como um privilégio excepcional:
 - Soldados não-cidadãos na aposentadoria, após 25 anos de serviço, estendida também aos filhos nascidos depois disto.
 - Escravos libertos após servirem cidadãos romanos.
- Nos tempos da República somente os não-cidadãos residentes na Itália poderiam receber a cidadania, mas a partir de Augusto também os estrangeiros nas províncias, desde que se mostrassem leais a Roma.
- Cidadania romana podia ser concedida individual ou coletivamente.

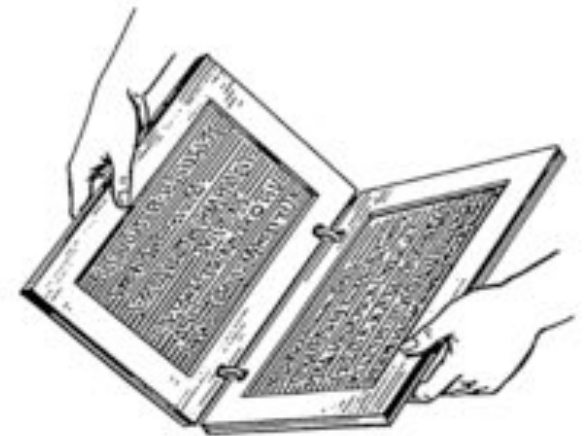
As provas de cidadania

- Sistema de registro de nascimentos a partir de 4 dC para os nascidos cidadãos romanos: meninos no 9º e meninas no 8º dia.
- Pessoas que ganharam a cidadania como privilégio tinham seus nomes num registro diferente.
- Soldados das tropas auxiliares que recebiam a cidadania na aposentadoria tinham seu registro próprio e também recebiam um certificado de cidadania romana (*diploma civitatis romanae*), usado como identidade pessoal.
- Provar a cidadania era difícil fora da cidade de origem e geralmente exigia o exame dos certificados e do registro de nascimento, além de sete testemunhas.
- Por que o tribuno Cláudio Lísias ficou surpreso ao saber que Paulo era cidadão romano (*civis Romanus sum*)? Como a teria recebido?

As provas de cidadania



Um díptico antigo



Os nomes dos cidadãos romanos

- O nome tradicional de um homem cidadão romano tinha três elementos: prenome, nome e cognome.
- O nome representava o seu clã ou família. O prenome distinguia o indivíduo dentro da família. No final da República, o cognome (apelido) substituiu o prenome como o nome pessoal.
- Escravos recebiam apenas um nome: ou o nome de origem ou o nome dado por seu mestre. Quando liberto, um escravo homem podia adotar o prenome ou o nome do seu mestre.
- Muitos escravos latinizavam seu nome em liberdade, uma vez que lhes era conferida a cidadania romana.
- Os nomes dados às mulheres mudaram muito ao longo dos séculos: prenome e nome no início da República; somente a forma feminina do nome no final da República; a forma feminina do nome mais a forma feminina do cognome.

Os nomes dos cidadãos romanos

HOMENS

Gaius



PRENOME

Julius



NOME

Caesar



COGNOME

Julia



MULHERES

Prima



Os nomes no NT

- O livro de Atos e as epístolas paulinas nomeiam as pessoas de três modos diferentes, todos correspondendo ao modo como pessoas daquelas classes sociais eram chamadas no primeiro século.
- Um único nome é usado para pessoas não latinas de nascimento, seguindo o costume mais oriental.
- O nome aramaico e o latino de Paulo (At 13:9) poderia indicar que ele era um cidadão romano de segunda geração. Lucas passa a chamá-lo de Paulo exatamente quando o procônsul Sérgio Paulo entra em cena.
- Exceto alguns oficiais romanos, somente uma pessoa é nomeada em Atos por nome e cognome (Tício Justo em At 18:7), o que torna difícil saber quem era ou não cidadão romano.
- Lucas referiu-se a governantes romanos algumas vezes somente pelo cognome (At 18:12, 23:24, 25:1) e outras pelo nome e cognome (At 13:7, 23:26, 24:27).

A cidadania romana no oriente

- Romanos das províncias orientais viviam numa atmosfera legal e social diferente dos cidadãos das províncias ocidentais.
- Devido ao predomínio do latim e da influência da cultura romana, as províncias do oeste acabaram se tornando uma extensão da Itália, sendo a cidadania romana concedida a várias comunidades.
- Nas províncias do leste, nos tempos de Paulo, a cultura predominante era a helenística e a língua era o grego.
- Com exceção das colônias romanas (Antioquia, Listra, Corinto, Filipos, Alexandria, Trôade) em nenhuma cidade do império oriental predominavam cidadãos romanos.
- A cidadania romana não era talvez tão valorizada pelos habitantes de uma cidade grega.

A cidadania romana e os cristãos

- Paulo exorta os cristãos de Filipos, uma colônia romana, a não terem a mente fixada nas coisas terrenas, pois a sua cidadania é a dos céus (Fp 3:19-20).
- O termo usado para “cidadania” (*politeuma*) pode significar:
 - ser ou viver como um cidadão.
 - agir como um cidadão, tomando parte na vida política.
 - participar do governo.
- Filipos foi uma das cidades onde Paulo apelou para seus direitos como cidadão romano e, embora a maioria dos seus leitores não tivesse a cidadania romana, eles saberiam compreender o que era viver como estrangeiros numa cidade terrena.
- Paulo quis deixar claro que a cidadania que importava era a celestial.

A cidadania romana e os cristãos

- É difícil identificar um critério no uso da cidadania romana por Paulo.
- Paulo não apelou para sua cidadania apenas para escapar de algum dano físico, pois em Filipos só a declarou depois que foi açoitado (At 16:22-23 e 37).
- Mas em Jerusalém ele evitou o açoitamento apelando para sua cidadania (At 22:25).
- O apelo de Paulo à cidadania romana estava alinhado à vontade soberana de Deus para a propagação do Evangelho (At 23:11, 27:23-25).

Roma, uma sociedade escravagista

- A prática da escravidão era frequente na vida mediterrânea muitos séculos antes do período do NT.
- Durante a maior parte da República (500-200 aC) havia poucos escravos em Roma.
- O número de escravos aumentou a partir do final da República, particularmente após as Guerras Púnicas, devido a três fatores:
 - aumento do latifúndio por parte de romanos ricos.
 - diminuição da força de trabalho composta por cidadãos-fazendeiros, que eram recrutados para lutar no exército.
 - captura de grandes quantidades de prisioneiros de guerra (50.000 só de Cartago).

Roma, uma sociedade escravagista

- Definição de uma sociedade escravagista: escravos compõem no mínimo 30% da população (transformação da economia e cultura).
- Na época de Augusto a Itália tinha aprox. 2 a 3 milhões de escravos para um total de 7,5 milhões de habitantes.
- Considerando a totalidade do império, a população escrava representava aprox. 10%.
- O número de escravos que um romano podia possuir era proporcional à sua riqueza e quantidade de terras (Plínio relata que um romano possuía 4.116 escravos!!).
- Por serem uma força de trabalho mais barata, os escravos competiam com os trabalhadores livres e acabaram provocando o endividamento e o êxodo rural destes.

Roma, uma sociedade escravagista

- Fontes de escravos:
 - prisioneiros de guerra.
 - captura por traficantes profissionais.
 - filhos de escravos.
 - crianças abandonadas.
- Muitos se vendiam como escravos para:
 - pagar dívidas.
 - obter uma vida melhor do que a do cidadão livre, mas pobre.
 - obter a cidadania quando fosse liberto e galgar posições sociais.

Roma, uma sociedade escravagista

- O costume de se vender como escravo para pagar dívidas aparece numa das parábolas de Jesus (Mt 18:23-27).
- Clemente de Roma (35-100 dC) relata em sua epístola aos coríntios que alguns cristãos do primeiro século venderam-se a si mesmos como escravos para prover alimento a irmãos necessitados.
- O preço de um escravo variava conforme a sua nacionalidade, vigor físico e temperamento, podendo chegar até a 200.000 sestércios.
- Durante o primeiro século (*Pax Romana*), o baixo número de conflitos desacelerou o mercado de escravos.
- Ao contrário da escravidão em tempos modernos, baseada em preconceito racial, muitos escravos no império romano vinham de uma sociedade helenizada e partilhavam laços culturais, linguísticos e religiosos com seus mestres.

Roma, uma sociedade escravagista



As tarefas de um escravo

- Escravos tinham várias funções, mas a principal era trabalhar na agricultura. Escravos mantidos pelo estado nas minas tinham a vida mais dura e dificilmente conseguiam a liberdade, pois morriam antes.
- Escravos homens bem dotados fisicamente podiam ser destinados aos espetáculos gladiatórios.
- Escravos nas residências ricas experimentavam uma vida relativamente confortável e podiam economizar para quando ganhassem a liberdade.
- Algumas tarefas mais básicas: tecelagem, costura, amamentação, supervisão de crianças, ajudantes de cozinha.
- Escravos recebiam treinamento especial nas residências mais ricas: secretários, escriturários, auxiliares de madames, cabelereiros, seguradores de espelho, massagistas, leitores, recreacionistas, parteiras, enfermeiros, objetos sexuais.

As tarefas de um escravo

- Escravos urbanos não ficavam restritos às tarefas domésticas, mas podiam ser treinados para assumir posições de responsabilidade e tinham liberdade para desenvolver seus talentos especiais.
- A maioria dos artesãos, ceramistas, escultores e pintores romanos eram escravos.
- Os médicos mais respeitáveis eram escravos de origem grega.
- Escravos também podiam ser professores, cozinheiros e gerentes de propriedades públicas (teatros, prisões etc).
- Escravos também podiam ser professores, cozinheiros e gerentes de propriedades públicas (teatros, prisões etc).
- Alguns escravos eram gerentes de fazendas na ausência do dono ou gerenciavam as atividades comerciais do seu mestre.

As tarefas de um escravo

- Escravos imperiais tinham muitos privilégios.
- Alguns tinham seus próprios escravos, viajavam com pompa e luxo representando o imperador e recebiam deferência de outras autoridades de médio posto, exercendo inclusive autoridade sobre cidadãos livres.
- Algumas parábolas de Jesus se referem a escravos (*doulos*) rurais (Mt 24:45-51, 25:14-23; Lc 15:22, 17:7).
- As referências a escravos nas epístolas sempre se referem a escravos num contexto urbano.
- Uma das funções de escravos urbanos era servir de *paidagogos* (Gl 3:24-25).

Atitudes romanas para com escravos

- A escravidão não era uma questão racial ou moral, mas econômica.
- No início do Império, uma corte de apelação para escravos permitia a sua venda para outros senhores, em caso de abuso cruel.
- Escravos fugitivos recapturados eram açoitados, enviados para uma prisão de escravos, marcados com ferro quente ou crucificados.
- Como escravos não tinham direito legal ao casamento, muitos estabeleciam uniões informais.
- A partir de Augusto, senadores eram proibidos por lei de se casarem com escravas libertas.
- Estima-se que 2/3 dos escravos imperiais e libertos homens se casavam com mulheres nascidas livres.

Atitudes romanas para com escravos

- Nas cidades, o escravo ganhava a condição de liberto geralmente quando completava 30 anos de idade, recebendo quase sempre a cidadania romana.
- A partir do Império, a proporção de escravos cresceu bastante, ao ponto de César Augusto, em 4 dC, estabelecer 30 anos como a idade mínima para a alforria, além de um número máximo de escravos a ser libertado anualmente.
- Na prática, este sistema tornou a escravidão nas cidades mais efetiva, pois os escravos sentiam-se encorajados a trabalhar duro e manter uma atitude positiva diante da transitoriedade da sua condição.
- Escravos libertos com uma capacitação profissional tinham a obrigação de continuar prestando serviços e honrarias ao seu ex-dono, dentro da relação patrão-cliente, além das suas próprias atividades de subsistência.

Atitudes romanas para com escravos

- Em algumas cidades do império, libertos e seus descendentes compunham de um terço a metade da aristocracia local no primeiro século.
- Apesar disso, estavam sujeitos a certas restrições sociais, como não servir nas legiões, ocupar cargos de magistratura municipal e casamento com cidadãos livres da classe alta.
- Os exemplos mais dramáticos de ascensão social eram os escravos imperiais, que trabalhavam para a *familia Caesaris* (Fp 4:22).
- Os garotos aprendiam latim, grego e matemática juntamente com as tarefas domésticas. Aos 20 anos um escravo imperial podia ocupar cargos de menor responsabilidade e aos 30 anos, quando liberto, tornar-se secretário ou contador.

Atitudes romanas para com escravos

- Aos 40 anos podia tornar-se contador-chefe, escriturário-chefe e outros cargos burocráticos estatais de maior responsabilidade.
- Devido ao seu status diferenciado, escravos imperiais podiam casar-se com mulheres livres, possuir seus próprios escravos, adquirir sua própria riqueza, além de exercer poder até sobre cidadãos livres.
- A elite romana, contudo, via com certo ressentimento a ascensão social de escravos libertos.
- Félix, procurador da Judéia quando Paulo esteve prisioneiro em Cesaréia em 57 dC, era um liberto da casa de Antônia, mãe do imperador Cláudio, e recebeu o seguinte comentário do historiador Tácito: “... *ele pratica todo tipo de crueldade e cobiça, exercendo o poder de um rei com o instinto de um escravo*” (comparem com At 24:25-26).

A escravidão no NT

- A escravidão foi uma das marcas do império romano que mais contribuiu para o ensino teológico e prático do NT.
- A palavra *doulos* (escravo, servo) é mencionada 127 vezes em 119 versículos do NT (KJV).
- Os escritores do NT nunca condenaram a escravidão como instituição, mas também nunca clamaram pela sua abolição ou deram argumentos que a justificassem.

A escravidão no NT

- A escravidão é usada como metáfora para:
 - descrever o relacionamento do homem natural com o pecado (Rm 6:6 e 16-17, 7:14).
 - descrever o relacionamento do homem regenerado com Deus (Rm 6:18 e 22, 7:25, 1 Co 7:22).
 - descrever o relacionamento do homem regenerado com seu semelhante (1 Co 9:19, 2 Co 4:5).
 - descrever o relacionamento do homem regenerado com seus instintos, desejos e vontade (1 Co 9:27).
- Diante de Deus todos os homens são iguais (1 Co 12:13, Gl 3:28, Cl 3:11).

A escravidão no NT

- Paulo encorajou escravos a conquistarem sua liberdade (1 Co 7:21), mas convenceu Onésimo a voltar para Filemon (Fm 10-17).
- Os senhores cristãos foram exortados a tratar bem seus escravos (Cl 4:1, Ef 6:9).
- Os escravos cristãos foram exortados a obedecer seus senhores no temor do Senhor (Cl 3:22, Ef 6:5-7, 1 Tm 6:1-2, Tt 2:9-10).
- Paulo deve ter tido em mente a libertação de um escravo pelo seu senhor romano em 1 Co 7:22-23.